

Cidades de Bronze

*um concerto
para estátuas*

de Carlos Costa
e Jorge Palinhos



Design: SARA ALLEN

Carlos Costa

Jorge Palinhos

“**Cidades de Bronze**” estreou a 23 de maio de 2023, na Praça da República, no Porto.

direção e texto Carlos Costa, Jorge Palinhos

cenografia, adereços, figurinos Inês de Carvalho

direção musical e canções (letra e música) João Martins

banda sonora original e música ao vivo ohmalone (João Martins, João Tiago Fernandes, José Miguel Pinto)

interpretação Matilde Cancelliere (Galateia), Sofia Santos Silva (Kore) e Marta Lima (Escultora e Representante da Agência do Futuro)

autorretrato Carmo Azeredo

escultura Marta Lima

posters Ana Lúcia Pereira, Ana Raquel Silva, Ana Rita Araújo, Ana Teresa Caldeira, Beatriz Alexandra Meireles, Beatriz Portela, Eliana Catarina Pereira, Elisabete Matyash, Gabriela Chinchilla, Joana Maria Iglésias, Mafalda Miranda, Maria Beatriz Fontes, Natacha Sampaio, Raquel Sousa, Sara Oriana Barreto, alunas da unidade curricular de “Práticas de Modelação”, da Licenciatura em Artes Plásticas da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

fotografias de Utentes dos Albergues Noturnos do Porto Sara Allen

oficinas nos Albergues Noturnos do Porto Carlota Castro, João Martins, Marta Lima

utentes dos Albergues Noturnos do Porto Alessandro Silva, Ana Maria Silva, António Martins, Carlos Quintas, César Cunha, Helena Carvalho, Isabel Cardoso, Jorge Anjos, Liliana Novo, Nair Ramos, Rui Guimarães, Vitor Pereira, Viviana Ferreira

design de comunicação, fotografia, vídeo Sara Allen

curadoria da exposição nos Albergues Noturnos do Porto Alice Prata, Carlota Castro

estagiária de investigação Ana Isabel Matias

assessoria artística e de comunicação Carlota Castro

coordenação de produção Alice Prata

produção executiva Pedro Cadilhe

contabilidade Helena Madeira

parcerias Albergues Noturnos do Porto, ARRIMO, Escola Profissional de Arqueologia do Freixo, Escola Superior Artística do Porto, Exército Português, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

apoio Câmara Municipal do Porto

produção Visões Úteis



Este texto está sujeito a uma licença Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Compartilhamento pela mesma licença 4.0 Internacional. Por favor utilize, partilhe e transforme para fins não comerciais. Mas credite sempre o original e partilhe as obras derivadas do mesmo modo.

INTRODUÇÃO

PARA: Conselho de Administração da Agência do Futuro

DE: Agentes destacados para acompanhar a Grande Gala das Estátuas do Porto

CONTEÚDO: Tal como solicitado pelos exmos. senhores administradores, vimos por este meio relatar a sucessão de acontecimentos que afetou a Grande Gala das Estátuas do Porto. Este evento, que ocorreu a 23 de maio, e que se esperava que fosse a solução para o problema da arte pública da cidade, teve o triste desenlace que se conhece, mas este relatório pretende trazer luz sobre as razões para aquilo que aconteceu, identificando responsáveis e constituindo-se como documento de aprendizagem da Agência do Futuro, para que no futuro não volte a falhar.

Iremos omitir todos os acontecimentos anteriores e posteriores à Gala, já amplamente debatidos internamente, e também, lamentavelmente, nos media, e focar-nos-emos apenas nos acontecimentos da própria Gala, tanto quanto conseguimos acompanhar.

Refira-se que, à data da realização deste relatório, o registo audiovisual dos factos descritos está disponível em: <https://vimeo.com/847937803>

O evento ocorreu à hora prevista, com bom tempo, com o cenário montado em torno do estaleiro da estátua da Praça da República, com presença de muito público e, claro, da banda de músicos contratada. O seu exato início foi quando as duas atrizes, vestidas como deusas gregas, surgiram no cimo da estrutura em andaimes, que separava as três estátuas da Gala, e disseram o texto tal como estava no guião.

ACOLHIMENTO DO PÚBLICO

GALATEIA — Hoje, vamos fazer história.

KORE — Mais do que isso, vamos fazer futuro.

GALATEIA — Hoje, as ruas e as praças por onde passamos indiferentes e apressados irão mudar.

KORE — A partir de hoje, haverá outras ruas e praças nesta cidade.

GALATEIA — Hoje, é um dia de celebração; o que pensamos, o que sentimos, passará a ser diferente. Vamos encontrar uma forma diferente de pensar naquilo que está à nossa volta.

KORE — Hoje é o dia em que começamos a ser felizes.

GALATEIA — Porque a partir de hoje...

KORE — A partir de hoje...

GALATEIA — Vamos passar a ser donos e donas das imagens que representam aquilo que pensamos.

KORE — Aquilo que sentimos.

GALATEIA — Aquilo em que acreditamos.

KORE — A partir de hoje...

GALATEIA — A partir de hoje...

KORE — Vamos poder escolher as estátuas que nos representam.

GALATEIA — E isso vai começar agora!

KORE — O espectáculo vai começar!

APRESENTAÇÃO DA GALA

Nessa altura a banda começou a tocar a música triunfal de abertura, enquanto as duas atrizes — a que chamaremos Kore e Galateia, visto que os acontecimentos posteriores ditam que as suas identidades devem ser mantidas em sigilo — cumprimentavam o público, tal como estava previsto. Em seguida, voltaram a juntar-se no centro do estaleiro, viradas para a audiência.

KORE — Estamos muito contentes por estar aqui. Tu estás contente por estar aqui, não estás, Galateia?

GALATEIA — Eu estou encantada por estar aqui.

KORE — É engraçado dizeres isso.

GALATEIA — É engraçado, porquê?

KORE — Porque estamos aqui para celebrar algo que nos encanta.

GALATEIA — E o que é que nos encanta, Kore?

KORE — Sabes o que são estátuas, Galateia?

GALATEIA — Sei: são uma forma de mobiliário urbano. É como os ímanes no frigorífico, mas em grande.

KORE — Não, Galateia. *(para o público)* As estátuas são ideias para a eternidade. É o futuro e o passado fundidos em bronze. São aquilo que alguém aprendeu antes e nos diz que é importante não esquecermos depois.

GALATEIA — *(também para o público)* Como os ímanes de frigorífico...

KORE — Mas as estátuas não são só isso. São arte. São escultura. Mostram a técnica e o saber de quem as faz. E, Galateia, sabes porque é que as estátuas estão quase sempre no meio das praças?

GALATEIA — Eu saber... sei. Mas vou dizer que não para tu poderes explicar ao público.

KORE — As estátuas encantam os sítios onde são colocadas. Os deuses e os santos do passado eram colocados nos cruzamentos e nos mercados para protegerem e orientarem. Esta estátua foi aqui colocada para proteger as pessoas que atravessam esta praça. *(para o público)* Viram que a Agência ocultou o nome da estátua? Se calhar nunca tinham reparado nela.

GALATEIA — Olhamos tanto para as estátuas como para bibelôs.

KORE — Por isso a Agência quer saber se ainda se lembram que estátua é esta.

GALATEIA — A Agência quer saber o que pensam sobre estátuas.

Neste momento, tal como previsto no guião, a banda começou a tocar o jingle da cena que o guião designa por QUIZ.

KORE — Por isso, vamos fazer um jogo! Vamos fazer-vos perguntas. Se acharem que sabem a resposta, levantem a mão. Quem é que esta estátua representa?

(apontando para sudoeste da praça) a) o Padre Américo, fundador da Casa do Gaiato, homem de uma bondade inigualável;

Contaram os votos.

GALATEIA — *(apontando para sudeste da praça)* b) Baco, Deus da natureza, do vinho, do excesso;

Contaram os votos.

KORE — *(apontando para sul da praça)* c) O Major-General Pires Veloso, decisivo na crise de 25 de novembro de 1975;

Contaram os votos.

KORE — E d) nenhuma das respostas anteriores.

Contaram os votos.

GALATEIA — E por fim: e) Todas as anteriores!

Neste momento, ocorreu uma modificação do guião previsto. Lamentavelmente, os agentes destacados não se aperceberam da falha. Felizmente a atriz a que chamamos Kore estava atenta e reagiu prontamente.

KORE — Como todas as anteriores? A pergunta era só sobre esta estátua.

GALATEIA — Mas estão aqui várias.

KORE — Mas eu só perguntei sobre uma. Agora ficou toda a gente baralhada. É melhor deixar o jogo e explicarmos que estátuas são estas.

GALATEIA — Explicar é sempre bom!

KORE — *(apontando a estátua sob os andaimes)* Esta estátua já cá estava há mais de 10 anos. *(apontando duas imagens, que representam outras estátuas)* As outras foram encontradas numa escavação arqueológica feita pela Agência, sob o alto patrocínio do Museu do Porto.

GALATEIA — *(apontando vestígios de uma alegada escavação arqueológica)* Pá a pá, metro a metro, camada após camada, a Agência foi descobrindo as estátuas que se escondiam debaixo do chão que pisamos.

KORE — Debaixo dos nossos pés há estátuas enterradas, esquecidas, embaraçosas. Que já não nos representam, já nada nos dizem.

GALATEIA — O que não falta são razões para enterrar estátuas.

KORE — Mas hoje não, Galateia! Hoje estamos aqui para desenterrar estátuas. Para celebrar estátuas! Mas...

GALATEIA — Mas...!

KORE — Esta praça tem um problema.

GALATEIA — Esta praça tem um grande problema!

Neste momento a atriz que chamamos Galateia apontou para as pessoas que povoam a praça, o que se desviava do que estava previsto no guião. Um dos agentes deu conta do sucedido, mas infelizmente considerou que era um erro de menor importância, o que não era verdade, como se confirmou mais tarde.

KORE — Nesta praça há muitas estátuas.

GALATEIA — *(apercebendo-se do erro)* Demasiadas estátuas!

KORE — Tantas estátuas que as pessoas podem achar que elas estão aqui por acidente!

GALATEIA — E não estão, Kore?

KORE — Não, Galateia...

GALATEIA — Então...?

Os agentes presentes são unânimes em considerar que a atriz Galateia parecia bastante perdida no seu papel, o que seria compreensível tendo em conta as circunstâncias da sua contratação; o que não era compreensível é o que aconteceu depois.

KORE — Então, querida, não queres relembrar ao nosso público que estátuas é que estão aqui?

GALATEIA — Então, lá ao fundo... lá ao fundo está a estátua do Baco, o deus do vinho.¹

¹ Busto em bronze e granito (1906-1916), de autoria de António Teixeira Lopes (1886-1942).

KORE — Do teatro!

GALATEIA — Sim, e do vinho!

KORE — Mas é mais do teatro.

GALATEIA — Tudo bem... Do outro lado, do lado dos Albergues Nocturnos do Porto, temos a estátua do Padre Américo, o padre que recolhia crianças de rua.²

KORE — *(tranquilizando o público)* Para as ajudar.

GALATEIA — Sim, claro, recolhia crianças para as ajudar.

KORE — E mais?

GALATEIA — Mais...? Mais...? Há mais, Kore?

KORE — Então, ali, entre o Baco e o Padre, está o General Pires Veloso, que comandou as forças armadas do Norte de Portugal durante o Verão quente, quando o país balançou entre a democracia liberal e o socialismo.³

GALATEIA — Ah, está bem. Nunca me consigo lembrar do que é que esse fez, mesmo.

KORE — Adiante... Estas estátuas...

² Estátua de Padre Américo (1959), de autoria de Henrique Moreira (1890-1979).

³ General Pires Veloso (2015), de autoria de Rogério Azevedo (1926-).

GALATEIA — Estas estátuas!

KORE — *(dando sinal para que Galateia termine a frase)* Estas estátuas...!

GALATEIA — *(percebendo, mas não se lembrando do texto)*... estas estátuas... estão aqui... por acaso.

KORE — Não, Galateia!

GALATEIA — Não estão aqui por acaso?

KORE — Não!... Estas estátuas representam os três poderes sociais, de acordo com o filósofo político inglês Thomas Carlyle. O General representa o poder militar. O padre representa o poder religioso, e esta ... *(apontando vagamente a estátua sob os andaimes)* o poder do Estado.

GALATEIA — *(confundindo a estátua para que Kore apontava)* Esta qual? O Baco?

KORE — Não! *(apontando assertivamente a estátua em causa)* Quem representa o Estado é esta.

GALATEIA — Ah! Mas e Baco representa quem? Os jornalistas, que são o quarto poder?

KORE — Não, o Baco representa-nos a nós, as atrizes. Que estamos aqui para exaltar o poder divino das estátuas!

Os agentes acompanhantes reconhecem que neste ponto da Gala já tinha havido um desvio substancial ao guião e houve uma breve discussão de bastidores sobre o que fazer. Nesta altura o consenso foi que, apesar do desvio, o evento ainda tinha todas as condições para correr bem. Foi um erro de análise, de que nos penalizamos, mas que se justifica pelo facto de as atrizes parecerem realmente estar a tentar dar o seu melhor, apesar da incerteza em que estavam nesse momento.

GALATEIA — Kore, eu não me lembro do que vem depois.

KORE — Vá, improvisa!

GALATEIA — Mas eu na audição avisei logo que não era boa a improvisar. Não tenho culpa que me tenham chamado à última hora para substituir a/

KORE — Galateia! *(para o público)* Bom, ah... Apesar de haver uma lógica evidente na colocação das estátuas nesta praça, há algo que falta.

GALATEIA — *(perdida, tentando improvisar, seguindo Kore)* Algo muito importante.

KORE — Algo cada vez mais urgente.

GALATEIA — *(continuando a improvisar)* Urgente! Muito urgente!

KORE — E por isso a Agência decidiu que era tempo de agir.

GALATEIA — *(ainda a improvisar)* A Agência decidiu que tínhamos de fazer alguma coisa.

KORE — Alguma coisa monumental!

GALATEIA — *(começando a orientar-se)* A Agência investigou.

KORE — Escavou!

GALATEIA — *(apontando os vestígios da escavação)* Literalmente!

KORE — A Agência criou uma comissão de especialistas.

GALATEIA — A Agência reuniu-se.

KORE — A Agência descobriu que neste sítio já existiram outras estátuas.

GALATEIA — Estátuas totalmente diferentes.

KORE — A Agência descobriu que nesta cidade não há apenas estátuas enterradas, também há estátuas escondidas em armazéns.

GALATEIA — Estátuas que já não nos representam.

KORE — Estátuas privadas de liberdade sem direito a julgamento.

GALATEIA — Sem luz natural, sem arejamento, cobertas de humidade e pó.

KORE — A Agência, cuja transparência todos conhecemos, decidiu que só havia uma coisa a fazer.

Galateia hesita, tentando sublinhar as palavras de Kore.

KORE — Deixar o público votar na estátua que deve permanecer aqui.

GALATEIA — Deixar o público escolher.

KORE — Deixar o público escolher a melhor estátua.

GALATEIA — A melhor ideia!

KORE — O melhor encantamento!

GALATEIA — O melhor tudo!

KORE — Vocês, vocês, escolhem tudo.

Entreolharam-se com cumplicidade, mas alguma inquietação, perante a reação do público.

GALATEIA — Era assim que a Agência previa que o público reagisse?

KORE — A Agência prevê tudo: Nós as duas...

GALATEIA — ... e a Marta...

KORE — ... nós as duas e a Marta!

GALATEIA — A nossa especialista Marta.

KORE — Senhoras e senhores, Marta Lima! A nossa escultora em trabalho.

GALATEIA — A delegada da Agência, Marta Lima. Que garante que nada vai falhar nesta Gala.

KORE — E que trabalha arduamente para o seu grande final.

Registamos que houve algum regozijo junto dos agentes pelo facto de a escultora, que estava presente, ter sido devidamente apresentada, mas era evidente que as intérpretes continuavam a hesitar bastante no guião, esquecendo-se até de apresentar os músicos.

KORE — E os *ohmalone*! A nossa banda *ohmalone*!

Sim, nesta altura lembraram-se.

GALATEIA — A melhor banda de estátuas que existe em Portugal!

Não estamos seguros da importância desta informação, mas alguns agentes registaram, no seio da banda, olhares de desagrado perante esta apresentação, o que gerou alguma especulação de que tenha sido esta hostilidade que precipitou os acontecimentos seguintes, mas também há opiniões em contrário, de que os músicos foram cúmplices de tudo.

KORE — *(tentando agradar aos músicos)* Uma banda capaz de encantar qualquer estátua. Nas cordas temos o José! Na percussão, o João. E para o que sobrar, o outro João.

GALATEIA — Eles até podiam chamar-se Banda Jota, mas não. Chamam-se *ohmalone* em homenagem... *(a banda acena negativamente)* como referência *(idem)* inspirada por *(idem)* bom acho que o nome da banda foi escolhido aleatoriamente por um programa de computador.

Os nossos agentes acham que a banda reagiu de forma muito estranha a este comentário. Os especialistas em linguagem corporal estão a analisar o vídeo da Gala para tentar determinar o que realmente pensavam.

KORE — E agora talvez estejam a perguntar o que é a Agência? A maioria conhece bem a Agência, mas a Agência previu que alguns talvez tivessem essa dúvida.

GALATEIA — A Agência tem tudo previsto.

KORE — Galateia, podes explicar-nos o que é a Agência?

GALATEIA — Eu? Mas tu é que foste a primeira escolha da Agência.

KORE — Mas na audição tu juraste que eras grande fã da Agência!

GALATEIA — Bem... Todos conhecem a Agência do Futuro.

KORE — Todos sabem que a democracia tem boas intenções, mas não é perfeita.

GALATEIA — A democracia não é de todos.

KORE — A democracia deixa de fora as pessoas mais importantes: os cidadãos do futuro.

GALATEIA — Os que ainda não nasceram, os que estão para nascer, os que são ainda menores de idade.

KORE — Para eles existe a Agência do Futuro.

GALATEIA — A Agência recorre a estudos, investigações, experiências, análises quantitativas, *focus groups* e inteligência artificial.

KORE — A Agência decide de forma científica qual é o melhor futuro possível.

GALATEIA — E hoje estamos aqui para ajudar a decidir esse futuro.

KORE — Nós as três...

Este é um dos momentos que suscita perplexidade nos agentes. Apesar da apresentação da Agência ter sido quase como prevista, neste momento a banda começou a fazer gestos, a chamar a atenção para si própria, comportamento de que os agentes não compreendem o sentido.

KORE — ... nós as três e a banda vamos ajudar-vos a escolher a melhor estátua para este lugar. Uma estátua que proteja.

GALATEIA — Que oriente...

KORE — Que seja o farol, o santo, o deus de todos nós.

GALATEIA — *(com ar estupefacto)* É ... Pois...

KORE — A primeira edição da Gala das Estátuas do Porto... A primeira de muitas Galas. A primeira edição, dedicada à Praça da República... Vai salvar uma destas estátuas!

GALATEIA — Só uma! As outras *(passou o dedo pelo pescoço)*.

KORE — E a decisão é vossa.

GALATEIA — Toda vossa.

KORE — Só vossa. Estão prontos para começar? Estão? Banda!

Apesar de todos os percalços já registados, este bom final da parte introdutória da Gala deixou os agentes descansados para o que se seguiria. Talvez esse descanso tenha sido o principal erro, que justifique tudo o que aconteceu depois, e que passaremos a relatar.

D. AFONSO HENRIQUES

Tal como previsto no guião, as duas atrizes destaparam a estátua de D. Afonso Henriques, que estava de um dos lados do estaleiro, e começaram a cantar a música com o acompanhamento da banda, dirigindo-se em tom épico ao primeiro rei de Portugal.

KORE e GALATEIA —

D. Afonso Henriques

Herói Fundador

Com a espada em riste

Inspira temor

O primeiro rei de todos

Quem nos fez acreditar

Que a terra em que estavam mouros

Era nossa para ocupar

D. Afonso Henriques

O primeiro rei
Olha o horizonte
Dita a sua lei

Contra tudo e contra todos
Até contra a própria mãe
Confiando só na espada
Pela glória no além

De olhos postos no futuro
Maiores sonhos nunca alguém
Ousou pensar que o tamanho
do reino se escreveria
com o sangue, a valentia
de todo o mundo, ninguém

D. Afonso Henriques
Pai desta nação
Com(o) o seu cavalo
Grande garanhão

Expulsou os sarracenos
Humilhou os leoneses
Combatendo dia e noite
Por todos os portugueses

D. Afonso Henriques
Herói Fundador
Com a espada em riste
Inspira terror

Homem de grande bravura

E paixão pelo país
Com e sem a armadura
Tomou p'ra si o que quis

E do fundo do passado
Esta história, sabes bem
Desculpa é o nosso fado
Coragem só na garganta
Montados neste cavalo
A imaginar tão bem
A imaginar também

A música terminou em final apoteótico, tendo inclusivamente parado o trânsito da rodovia próxima. Seguiu-se uma brevíssima e compreensível interrupção, pois a atriz Kore queixou-se que o pó lhe entrava na boca e que precisaria de uma pausa para beber água, antes de prosseguir com o guião, que entretanto executara de forma correta.

KORE — Esta é a estátua criada pelo grande escultor Gustavo Bastos, a única estátua existente que mostra o rei fundador, D. Afonso Henriques, a cavalo. Foi criada em 1985 para celebrar os 800 anos da morte do rei. É a estátua que exprime a portugalidade, o país, os valores de coragem e ímpeto, que devem nortear os portugueses! Vamos votar! Estão prontos?

GALATEIA — Kore...

KORE — Ah?

GALATEIA — Kore?

KORE — Que foi?

GALATEIA — Eu tenho algumas dúvidas sobre esta estátua...

KORE — Tu...Tens dúvidas?

GALATEIA — Não... Sim... Quer dizer... porque é que o Afonso Henriques é maior do que o cavalo?

KORE — Então...são as leis da perspetiva, que o escultor Gustavo Bastos dominava como ninguém. Se os virmos de uma perspetiva inferior, o rei e o cavalo vão parecer igualmente imponentes.

GALATEIA — Pode ser, mas daqui o cavalo parece um pônei. E o Afonso parece que está a fazer uma espetada de peru.

KORE — Mas desde quando é que te contrataram para fazer crítica de arte?

GALATEIA — É uma estátua para um lugar público, porque é que eu não posso ter opinião? Sou uma atriz, não sou um papagaio.

KORE — Deixa-me que te diga que uma das estátuas mais importantes de Portugal é justamente de Afonso Henriques. É a estátua de Soares dos Reis que está em Guimarães e que representa a portugalidade, sendo uma referência para todos os portu/

GALATEIA — Estás a falar daquela a que esticaram a saia ao rei para ele não mostrar as pernas, não é?

KORE — O quê? Estás a falar de quê?

GALATEIA — Então, a estátua original do Soares dos Reis tinha o saio, a armadura, até aos joelhos, e mandaram o escultor esticá-la porque não ficava bem a um rei mostrar as pernas, tipo uma mulher.

KORE — Isso não sei. Mas por acaso também mudaram as pernas do cavalo desta. Acho que foi para o tornar mais imponente.

GALATEIA — Kore, podes contar-nos porque é que esta estátua estava enterrada?

KORE — A estátua foi encomendada pelo exército, mas quando a puseram aqui, o general do quartel/

GALATEIA — /Atrás de vocês, o Quartel de Santo Ovídio.

KORE — O General olhava para a estátua/

GALATEIA — /Ali daquela varanda.

KORE — O General olhava e dizia «Que estupidez, que estupidez! Parece um miúdo a brincar às guerras num cavalo de pau!» E tanto se queixou que acabaram por enterrar a estátua. Bom, mais ou menos, levaram-na para o pátio do Museu Militar...

GALATEIA — Bonfim, à beira do cemitério.

KORE — O Exército Português cedeu generosamente a estátua para esta Gala. Só que...

GALATEIA — Só que...?

KORE — A obra de Gustavo Bastos está avaliada pelo exército em 500 mil euros...

GALATEIA — Que exagero!

KORE — ...E com o custo de seguro que isso implicava, a Agência do Futuro optou por não trazer a estátua original. É que o futuro tem um orçamento limitado.

GALATEIA — Mas o exército não tinha seguro?

KORE — Mas que seguro é que o exército pode ter? Seguro de vida? Contra todos os riscos? Contra Terceiros? De trabalho?

GALATEIA — Tens razão. Mas eu acho bem que o general a tenha tirado daqui.

KORE — O que queres dizer com isso? Foi o primeiro rei de Portugal.

GALATEIA — Mas a mãe dele, a D. Teresa, já se intitulava rainha de Portugal.

KORE — Mas ele é que fundou Portugal!

GALATEIA — E sabes como, sabes? Entrava às escondidas nos castelos mouros e matava toda a gente que estava a dormir. Isso é cá de uma valentia!

KORE — Mas eram mouros, Galateia!

GALATEIA — Eram menos pessoas por isso? Não tinham direito a um combate justo. Sempre que ele enfrentou exércitos cara a cara, perdeu!

KORE — Menos em Ourique.

GALATEIA — Isso é uma lenda que nunca ninguém provou! E sabes o que fazia aos súbditos? Aos portugueses, sabes? Está nas crónicas: quando os visitava, enquanto o homem fazia o jantar para o rei, o teu Afonso... raptava-lhe a mulher.

KORE — A sério? Mas... Mas continua a ser o fundador de Portugal, o exemplo para...

GALATEIA — Um violador, assaltante, assassino à traição, que rompeu todos os tratados e acordos com que se comprometeu é um exemplo para... o futuro?

Os agentes assumem aqui o seu grande erro. É que com a confusão de trânsito que a música tinha causado, vários deles tiveram de ir fazer de polícias-sinaleiros para a estrada, pelo que não deram conta de como este longuíssimo diálogo quase não estava escrito, pelo menos na parte da atriz da Galateia, e prejudicava seriamente os planos da Agência para a Gala. Só mesmo in extremis é que um dos agentes, apercebendo-se da confusão do público perante o que se estava a passar, foi pedir à banda que desse um sinal às atrizes para não se esquecerem de que estavam na Gala, algo que efetivamente aconteceu.

KORE — *(para o público)* Bom, esta é só a primeira estátua candidata... A agência tem mais escolhas.

GALATEIA — Na vida é preciso ter escolhas.

KORE — Fazer escolhas.

GALATEIA — A Agência não deixa nada ao acaso! Mas deixa tudo nas vossas mãos!!

Neste momento, a atriz Kore fez o sinal combinado de passagem para a estátua seguinte. Os agentes presentes estavam muito descontentes com o tratamento que tinha sido dado à estátua do rei fundador, mas reconheceram que já não havia margem de intervenção, pelo que deixaram seguir a Gala.

O RAPTO DE GANIMEDES

Nesta nova parte, como estava coreografado, as atrizes destaparam a estátua Ganimedes, que estava do outro lado do estaleiro, e pareceu que iam começar com o texto definido.

KORE — O Rapto de Ganimedes, de António Fernandes de Sá. Não é grande como a de Afonso Henriques, mas é linda e frágil.

GALATEIA — *(para o público)* Mais uma vez, não temos aqui o original. Porque quando pedimos emprestado o Ganimedes original/

KORE — Quando o desenterrámos! Quando desenterrámos o Ganimedes original, a estátua apresentava “fragilidades, elementos fragmentados, não devendo ser sujeita a movimentações de carácter efémero”, segundo o relatório da Câmara Municipal do Porto.

GALATEIA — Portanto, esta Gala, nós, somos uma “movimentação efémera”!

KORE — *(a meia voz)* Galateia! *(voz normal)* A estátua de Ganimedes estava anteriormente aqui *(apontando o espaço rodeado de andaimes)*, e agora está no Jardim da Cordoaria.

GALATEIA — *(apontando outra zona da cidade)* Ali ao fundo, para lá do bronze do Padre Américo. As estátuas são de bronze para serem eternas, e não estarem sujeitas a coisas como movimentações efémeras.

KORE — Galateia!!!

GALATEIA — Sim?

KORE — Concentra-te.

GALATEIA — Mas eu estou concentrada. Estávamos a falar de estátuas.

KORE — Então sabes o que te vou perguntar?

GALATEIA — Claro que sei: quem foi Ganimedes?

KORE — Então responde.

GALATEIA — Bom, mas eu é que perguntei.

KORE — Estás sempre a trocar tudo!

GALATEIA — Não me lembro da resposta...

KORE — Então, Ganimedes era um jovem atraente por quem Zeus se apaixonou. E para o esculpir, António Fernandes de Sá passou dias de trabalho intenso...

GALATEIA — Jovem? O Ganimedes era jovem?

KORE — Imerso na criação, António de Sá/

GALATEIA — Achas que jovem é o melhor adjetivo para Ganimedes?

KORE — António Fernandes de Sá inspirou-se num rapaz italiano que/

GALATEIA — Não seria antes adolescente?

KORE — Sozinho, em Paris, com vinte e poucos anos, o jovem escultor recordava o pai, um pedreiro da Rua do Almada.

Neste momento, conforme definido, a atriz Kore começou a sua coreografia, que procurava unir a dimensão do trabalho de escavação arqueológica realizado pela Agência com a ideia de criação artística. Todavia, a atriz Galateia teve uma atitude indescritível, em que procurava ativamente desconcentrar Kore, com interrupções algo infantis, boicotando a coreografia e a música.

GALATEIA — Ali ao fundo, atrás do Baco.

KORE — Um pedreiro que o incentivara a ir estudar na cidade-luz. E foi na oficina em que trabalhava que o pai foi recebendo as boas notícias: António selecionado para o *Salon de Paris*! António com uma menção honrosa no *Salon de Paris*! António na Exposição Universal de 1900! António Medalha de Bronze na Exposição Universal. A glória suprema do artista!

GALATEIA — Mas afinal o Ganimedes não tinha 12 anos quando foi raptado pela águia, mandada por Zeus, para servir de/

KORE — Galateia, isto é um espectáculo para toda a família!

GALATEIA — Para servir de portador da taça de Zeus...

KORE — Ah, sim, portador da taça de Zeus. Foi isso que Ganimedes foi fazer.

GALATEIA — Sendo que a expressão "taça de Zeus"...

KORE — Já chega, Galateia!

GALATEIA — Não admira que tivessem enfiado esta estátua num buraco.

KORE — Bom, na verdade ela não estava num buraco, estava junto ao parque infantil da Cordoaria.

GALATEIA — Junto ao parque infantil? Que inspirador!

KORE — Inspirador, sim... Inspirador para António Fernandes de Sá, a quem Ganimedes ergueu para a glória.

GALATEIA — Queres mesmo usar a palavra "erguer" para falar da história deste miúdo?

KORE — É um mito, Galateia! Não aconteceu na realidade. Não podemos ver tudo de forma literal! O que aconteceu na realidade foi que depois do sucesso da estátua de Ganimedes, em Paris, Fernandes de Sá recebeu outra encomenda: uma estátua de Camões para o Porto. Um príncipe dos poetas para o Porto.

Era evidente para a maioria dos agentes presentes que a atriz que designamos por Galateia parecia estar ativamente a boicotar a Gala, embora não seja clara a razão para

tal atitude, especialmente tendo em conta que prejudicar a Agência do Futuro poderia ser prejudicial para o próprio futuro da atriz. No entanto, na altura, o agente Clemente assegurava a toda a gente que a atriz era apenas jovem e inexperiente, e que rapidamente voltaria ao guião. Evidentemente, na altura os outros agentes ainda não dispunham da informação, apurada posteriormente, de que o agente Clemente teria uma paixão não correspondida pela atriz Galateia. Felizmente, a atriz Kore continuava a fazer todos os esforços para restabelecer a linha dramática da Gala, algo que seria louvável se não fosse o que sucedeu depois.

GALATEIA — Mas o Camões de Fernandes de Sá era frágil.

KORE — Muito frágil.

GALATEIA — Uma figura esquelética e esfarrapada.

KORE — Um Camões vítima do naufrágio.

GALATEIA — Um Camões vítima da natureza. Agarrado ao manuscrito dos Lusíadas como se fosse a sua última salvação.

KORE — Um Camões que mostra a fragilidade do artista, a quem só a própria arte pode salvar diante da crueldade do mundo.

GALATEIA — Mas o mundo não gosta de artistas frágeis.

KORE — O mundo não gosta de ver a insegurança da arte.

GALATEIA — O Mundo gosta de artistas heróis.

KORE — O Porto gosta de heróis, não gosta de vagabundos.

GALATEIA — Não gosta de vadios.

KORE — Não gosta de sem abrigo.

GALATEIA — Não gosta de pessoas com ar de quem dorme em Albergues.

KORE — Por isso a estátua foi atirada para um canto, e depois para outro canto, e depois para outro canto, e depois para outro, e depois para outro.

GALATEIA — Como se faz com os sem abrigo.

KORE — E tal como a sua obra, o nome de António Fernandes de Sá foi também atirado para um canto, onde lá ficou.

(começou a música.)

Dorme, meu menino

Dorme

Vem voar, meu menino

Abre as asas e dança

Por mais que te sintas sozinho

Estarás aqui amanhã

Um abraço apertado

Entre os dedos, a vida

Não creias que serás salvo

Pela beleza perdida

Estas ondas revoltas
Este mar que me engole e dança
Os rochedos cortantes
E o vento o que diz?

Canta a musa distante
Cabelos cor de ouro branco
O monstro estremunhado
E o vento o que diz?

Não te embala o espanto
Nem o escuro da noite
Nas asas deste delírio
Anda menino até mim

Ouve a voz que te chama
Dá-te a forma o artista
Neste abraço divino
Não há pecado maior

Estas ondas revoltas
O mar que me engole e mata
As promessas de glória
E o vento o que diz?

Canta a musa distante
Já não vejo o que escrevi
Naufrágio do poeta
E o vento o que diz?

Já não procuras abrigo
Nesta cidade de pedra
Dormes na rua e na praça
Já não és um menino

Registamos com agrado que este momento musical — uma balada muito bonita — correu bem, e foi tão tocante, em particular para o agente Belmiro, que quando surgiu o longo silêncio posterior, assumimos que este se devia apenas à comoção do momento, algo que a transcrição do diálogo que se faz a seguir revela não ser verdadeiro:

GALATEIA — Agora é a altura de votar, não é, Kore?

KORE — Galateia, se calhar vamos mudar um bocadinho os procedimentos, e no final votamos todas as estátuas. É capaz de ser mais fácil para o público. Afinal, é preciso conhecer para escolher.

GALATEIA — E vocês escolhem tudo! Vocês é que decidem a arte que há no Porto!

Os agentes ficaram profundamente confusos com o facto de a atriz Kore ter cortado todo o texto sobre esta estátua. Na altura assumiram que tal se devia à sua ansiedade perante as sucessivas disrupções que a Gala estava a ter. Lamentamos esta pressuposição, que se revelou errada.

A REPÚBLICA

Tal como poderá ser confirmado no registo audiovisual da Gala, este foi o momento em que o nome da estátua da República, sob os andaimes, foi destapado.

GALATEIA — Depois dos deuses, depois dos reis, eis que chegamos finalmente... ao

povo!

KORE — A República, de Bruno Marques.

GALATEIA — Bruno Marques, o único escultor vivo com uma estátua a concurso.

KORE — A República foi oferecida à cidade do Porto!

GALATEIA — ESTA República foi oferecida porque/

KORE — ESTA República foi oferecida à cidade do Porto pela Fundação Engenheiro António de Almeida.

GALATEIA — Há mais de 30 anos que a Fundação Engenheiro António de Almeida oferece estátuas à cidade.

KORE — Em 1989, a estátua da violoncelista Guilhermina Suggia.

GALATEIA — Ramalde.

KORE — Em 1991, do Bispo D. António Ferreira Gomes.

GALATEIA — Clérigos.

KORE — Em 2009, do médico Abel Salazar.

GALATEIA — Carregal.

KORE — E em 2011, ofereceu esta estátua da República, para celebrar os cem anos da

implantação da República em Portugal.

GALATEIA — Mas, Kore, a República foi implantada em 1910, isso não dá cem anos/

KORE e GALATEIA —

República Ideia

República Mulher

República Maneira

de olharmos o poder

Sem reis e sem donos

Livres da opressão

Unidos na vontade

De poder ter opinião

Assim, a nova ordem

Cada qual com seu voto

Cada qual com a luta

Do trabalho e do pão

República Ideia

República Mulher

República Maneira

de tomarmos o poder

O rico mais o pobre

Todos à mesma mesa

Uns sentados no trono

Mas ninguém à cabeceira

Ao povo tudo cabe
Ao povo se exige
A escolha desgraçada
De eleger um capataz

República Ideia
República Mulher
República Maneira
de alguns terem o poder

Por fora e por dentro
Estamos sempre sob ataque
Estamos sempre à defesa
Do pouco que achamos nosso

Regime que é de todos
Todos podem eleger
Mas nem todos têm voz
P'ró poder não se perder

República Ideia
República Mulher
República Maneira
de manterem o poder

Os agentes gostariam de registar que este foi mais um belo momento musical da Gala — desta feita num registo de canção de trabalho — embora alguns o achassem algo triste, tendo em conta aquilo que a República deveria representar.

KORE — Então agora vamos... vamos... Agora é a altura de... De... Segundo o guião, temos de ... Galateia... Galateia, não sei o que me deu, mas estou cheia de dúvidas.

Confirmamos que nesta altura também muitos agentes estavam cheios de dúvidas, mas a propósito de questões diferentes.

GALATEIA — Tu? Estás com dúvidas?

KORE — É a República, quem é que pode duvidar da República?

GALATEIA — Claro, é a República.

KORE — Mas afinal o que é a República?

GALATEIA — É uma ideia. Aqui na forma de bronze, na forma de mulher.

KORE — Mas porque é que a República é uma mulher?

GALATEIA — Por causa de *(murmúrio impercetível)*

KORE — Do quê?

GALATEIA — Das mamas! A coisa pública.

KORE — Deixa de gozar, Galateia...

GALATEIA — Eu explico. Banda, podem acompanhar? Historicamente, a República é representada por uma mulher que simboliza os atributos conferidos ao regime da República. Assim, aqui temos: o barrete frígio — o chapéu que era usado pelos

escravos libertados do Império Romano. O barrete faz a ligação entre as repúblicas modernas e a república de Roma. Esta república foi um regime político do passado em que o poder era dividido entre os nobres e os plebeus, mas eram os nobres que mandavam em tudo. E o barrete simboliza também a ideia de libertação da opressão da monarquia. É por isso que a República costuma ser representada com espada na mão, que servia para castrar/

KORE — Galateia! Já disse que isto é um espectáculo para toda a família/

GALATEIA — Cortar! Cortar o poder dos reis, que normalmente eram homens. Mas como a República portuguesa já tinha cem anos quando a estátua foi criada, já não tem armas, mas tem um ramo de oliveira que representa a paz.

As mamas, desde a Pré-história, representam a abundância e a fertilidade, e a esfera armilar representa os descobrimentos portugueses, como orgulho/

KORE — Tu disseste “descobrimientos portugueses”?

GALATEIA — Não. Eu não falei em “descobrimientos portugueses”.

KORE — Eu ouvi “descobrimientos portugueses”. E ias falar em “orgulho”/

GALATEIA — Pronto, desculpa! O que queres? Aprendi assim na escola e agora não me consigo livrar desta palavra... O que é que eu hei de dizer que não pareça nacionalista? Achamento? Expansão? Conquistas? Parece tudo heroico!

KORE — Sei lá... Diz algo específico que tenha sido inventado na altura e que não ofenda ninguém. Que foi a altura em que inventaram as tripas à moda do Porto, por exemplo...

GALATEIA — A esfera armilar representa a era das Tripas à Moda do Porto, de que os portugueses se orgulham... Assim está bem?

KORE — Está ótimo!

GALATEIA — Quanto aos pés/

KORE — Os pés também simbolizam alguma coisa?

GALATEIA — Repara que os dois pés estão ligeiramente levantados. Ninguém anda desta maneira. Foi exigência dos patronos da estátua. A República tem de estar sempre em movimento. Não pode estar agora a começar, porque já tem cem anos, e não pode parar porque, depois da república, vem a ditadura.

KORE — Espero que não tenham obrigado a pessoa que serviu de modelo à estátua a ficar nessa posição. É impossível de aguentar muito tempo!

GALATEIA — Sim, houve uma mulher que serviu de modelo a esta estátua.

KORE — Espera, não falámos da produção de estátuas!

Como os exmos. administradores deverão compreender, cotejando este relato com o guião da Gala, nada disto era suposto ter acontecido. A atriz Galateia estava completamente a improvisar, algo que o agente Clemente tentava justificar de forma cada vez menos convincente. A própria atriz Kore parecia perdida, facto surpreendente tendo em conta a sua experiência e a confiança que a Agência depositava nela. Alguns agentes também desconfiavam que todo o discurso da atriz Galateia, apesar de não constar do guião, parecia demasiado preparado para ser espontâneo. Alguns referiam até que não era credível que uma mulher jovem, e ainda por cima atriz, pudesse fazer

uma análise semiótica tão detalhada de uma estátua, o que talvez sugerisse uma operação de boicote preparada pelos inimigos da Agência. Todavia, o agente Clemente insistia que tinha conversado bastante com a atriz Galateia e ela lhe parecera de facto muito inteligente, e com uma ingenuidade sincera, características que terão escapado no casting, já que a atriz em causa foi escolhida sobretudo pelo seu porte atlético. Esta é uma questão em aberto que deixamos à consideração dos senhores administradores. O que é factual é que neste momento os agentes estavam convencidos de que a Gala tinha descarrilado completamente e que era preciso intervir de algum modo. Só não sabíamos muito bem como. Nem mesmo o facto de neste momento a atriz Kore ter inesperadamente voltado ao guião, subindo à estátua da República, atenuou a nossa crença.

GALATEIA — Carmo Azeredo é o nome da modelo desta República, Na altura tinha 21 anos, era estudante de Belas-Artes, 1,75 m, 57 quilos.

KORE (*tentando voltar ao guião*) — A República é pacífica mas protetora. Pátria maternal, amável mas determinada. E, se precisarmos, guerreira, bastando trocar o ramo de oliveira por uma bandeira... ou uma espada.

GALATEIA — Carmo Azeredo era estudante e tinha de pagar propinas. Por isso aceitou ser modelo para a República; aceitou que o seu corpo se transformasse numa ideia para toda a gente. Uma ideia em bronze.

KORE — 85% de cobre, 10% de estanho, um bocadinho de chumbo.

GALATEIA — Uma modelo passa horas, dias, exposta ao olhar do artista.

KORE — As primeiras estátuas de bronze foram fundidas no Egipto.

GALATEIA — É só uma troca comercial: A modelo presta um serviço, o artista paga-lhe.

KORE — Na Grécia os bronzes começaram a crescer, até ao Colosso de Rodes, uma estátua tão gigantesca que os barcos lhe passavam debaixo das pernas.

GALATEIA — É uma relação típica: O homem é o artista e a mulher é a musa.

KORE — O ponto de fusão do bronze situa-se entre os 900 e os 1000 graus.

GALATEIA — O corpo da mulher é moldado pela visão do artista e do mecenas.

KORE — O metal escorre para um molde em rotação contínua; a pressão da força centrífuga é gigantesca.

GALATEIA — No início, a modelo reconhece o próprio rosto no bronze, é ela, a Carmo, a Carmo sem dinheiro para as propinas, a Carmo que passou horas com um ramo de oliveira na mão. Depois... é o choque, a estranheza de reconhecer o rosto num corpo que já não lhe pertence. Um corpo que cresceu no bronze, até ser ideia, símbolo, deus. Esta é uma estátua que não quer apenas durar, mas fazer perdurar a República, a força da República.

KORE — Um corpo que não pode ser aquilo que é, que tem de ser outra coisa. Como acontece com as atrizes...

Este foi o momento em que a atriz Galateia, auxiliada por Kore, revelou inesperadamente um autorretrato da alegada modelo Carmo Azeredo que supostamente terá servido de inspiração para esta estátua da República. Um autorretrato que não só mostrava a modelo nua, mas também grávida, o que obviamente ia contra as intenções da Agência

de fazer um espectáculo para toda a família. Um agente, que neste momento não conseguimos identificar, comentou que a gravidez remetia para uma ideia de futuro, pelo que talvez aquele autorretrato fosse algo proveniente da própria Agência. Isso causou alguma confusão entre os agentes, que ficaram sem saber se o autorretrato já estava previsto pela Agência ou era uma prova flagrante de a atriz Galateia ser uma agente infiltrada. Esta confusão adensou-se porque as palavras seguintes pareciam indicar que Galateia desempenhava um papel de mecenas, e Kore o papel de Carmo Azeredo, numa cena teatral que teria de estar escrita e encenada. Ora, segundo o agente Belmiro, que acompanhou os ensaios, nunca esta cena tinha feito parte dos planos de trabalho.

GALATEIA — A República não pode ser uma menina frágil!

KORE — Foi tão desconfortável estar ali em pose.

GALATEIA — A República exige vigor físico...

KORE — Senti-me uma coisa, um objeto sem poder nem escolha...

GALATEIA — ... um vigor revolucionário.

KORE — ... sem qualquer direito sobre o meu próprio corpo. E o mais estranho é que, agora, 10 anos depois, enquanto espero a minha primeira filha, sinto a mesma maternal sensação de perder o controlo sobre o meu corpo, e lembro-me da ideia de República — a ideia de República para a qual o meu corpo não servia.

GALATEIA — Como é que um corpo de mulher pode carregar consigo a ideia de revolução?

CRISE

A alegada teatralização da relação entre modelo e mecenas terminou por aqui. Ambas as atrizes ficaram em silêncio, sentadas em cima dos andaimes. Os agentes estavam a preparar-se para entrar em cena, anunciando um intervalo, quando subitamente as próprias intérpretes retomaram o discurso.

GALATEIA — E agora o que é que diz o guião?

KORE — Agora... Então agora deveria ser a altura da Gala em que a Marta, a representante da agência, nos entregava o envelope com os resultados da votação.

Os agentes ficaram um pouco confusos, nesta altura, com a possibilidade de o guião da Gala ser um dos típicos textos pós-modernos que se referem a si próprios, mas o agente Belmiro garantiu-nos que assim não era. Recorde-se que o agente Belmiro frequentou o ensino profissional na área do teatro, antes de se juntar à Agência: razão pela qual foi selecionado para acompanhar o processo criativo. O que é certo é que a atriz Kore foi pedir o referido envelope à escultora, que o entregou, tal como estava previsto, tendo a banda iniciado a música de antecipação indicada. Apesar de todos os desaires anteriores, houve esperança por parte de alguns agentes que esta Gala fosse levada a bom termo, só que tal não aconteceu.

GALATEIA — Mas qual votação? Não houve votação nenhuma!

KORE — Mas é o que está previsto que aconteça!

GALATEIA — Mas aqui alguém votou em alguma coisa?

KORE — Mas é o que está no guião!

GALATEIA — Mas porque é que temos de seguir o guião?

KORE — Mas como é que sabemos o que havemos de fazer se não houver guião? O guião serve para alguma coisa. Serve para nos lembrarmos do que temos de fazer enquanto equipa. Se não o seguirmos, o que fazemos?

GALATEIA — Assim é que somos livres!

KORE — Mas o que fazemos com essa liberdade?

GALATEIA — O que é que fazemos? Então é... É... É isso... É preciso começar outra vez... Outra vez...

No final desta conversa, que os agentes acharam francamente constrangedora, aconteceu outro momento surreal da Gala, e de todo não previsto pelo guião, que os agentes aproveitam para reafirmar que deveria ter sido seguido pelas atrizes, independentemente de outras considerações filosóficas. Neste momento, a atriz Galateia começou a fazer movimentações convulsivas em todo o espaço — “tipo dança contemporânea improvisada”, segundo o agente Belmiro — no que foi acompanhada, cumpre-nos informar, por um dos membros da banda, que já está a ser investigado.

GALATEIA —

É preciso começar outra vez

É preciso começar do princípio

Pela base, pelos pés.

É preciso pés.

Pés sólidos, que toquem o chão

Ou que flutuem

Pés até com botas, com pantufas. Ao dependuro.

É preciso pôr alguma coisa na sala

Na praça

Na sala de estar da cidade.

É preciso estar na cidade.

É preciso escolher.

É preciso começar outra vez.

Sempre destruimos as estátuas

Pés de barro, pés de bronze.

Akhenaton, o faraó, foi o primeiro grande destruidor de estátuas.

Destruiu os deuses antigos.

E quando o Faraó morreu, foram destruídas as suas estátuas.

Outra vez.

O Deus dos Judeus também era um grande destruidor de estátuas.

Ordenava a destruição de toda e qualquer imagem.

Outra vez.

E os primeiros cristãos destruíram as estátuas dos deuses pagãos.

Deuses antigos.

Martinho Lutero disse que imaginar Jesus era suficiente.

O Islão abomina a idolatria.

Os europeus destruíram as estátuas dos povos colonizados

Os republicanos e os revolucionários destruíram os santos.

Grandes destruidores de estátuas.

Todos.

Sempre.

É preciso começar outra vez

Começar a construir

Começar a destruir

Abaixo as estátuas dos velhos deuses!

Vivam as estátuas dos novos deuses!

Abaixo as estátuas das velhas ideias!

Vivam as estátuas das novas ideias!

Umas por cima das outras

Como um exército que marcha sobre o abismo

É preciso começar outra vez.

É preciso pés para marchar.

Botas.

Cavalos.

É preciso começar outra vez.

Trazer martelos e gruas.

Bater na mesa da sala e perguntar:

O que é isto?

Quem está aqui? Quem nos ocupa?

Quem pôs os pés em cima da mesa?

As botas?

É preciso começar outra vez.

A sala. A praça.

É preciso pôr os pés na praça.

Pés descalços.

Pés que não tocam o chão.

É preciso invocar a força dos grandes destruidores de estátuas:

Civilização, Religião,

Colonização, Barbárie.

Todos filhos bastardos da mesma ideia.

Todos armados de escopro e cinzel.

Todos armados de guas e martelos.

Abaixo o velho! Viva o novo!

Abaixo o passado! Viva o futuro!

O presente debaixo dos nossos pés.

Descalços. De pantufas. De botas.

É preciso começar outra vez.

Apontar o dedo e declarar: esta estátua morreu!

Apontar a alma e dizer: esta estátua há-de viver!

Estátuas com pés para se porem a caminho.

Estátuas com pulmão para gritarem bem alto.

Estátuas com coração para que não se lhes escape a alma.

Estátuas com cabeça, para não perderem a memória.

Estátuas de punhos cerrados.

Com asas.

É preciso começar outra vez.

Outra vez.

Limpar a sala. A praça.

Tirar das salas e das praças os destroços condenados.

Os nossos naufrágios de pedra e metal.

Polir a superfície dos erros. Olhar a consciência.

Olhar em consciência.

Todos destruíram estátuas antes de nós.

É preciso?

É preciso começar outra vez.

De pé.

CONCLUSÃO

Após este momento absolutamente inclassificável, infelizmente aplaudido pelo público, ambas as atrizes ficaram em silêncio, e os agentes puderam comprovar que o silêncio no teatro é realmente algo de aflitivo.

KORE (*hesitante, tentando encontrar as palavras*) — Pronto... Então... Portanto, se bem percebi... É preciso começar outra vez?

GALATEIA — Sim!

KORE — Mas como?

GALATEIA — Pois... Essa parte... é que ainda não pensei.

O Agente Clemente sustenta que esta afirmação de Galateia revela a sua ingenuidade natural, mas já indicámos previamente neste relatório que o Agente Clemente não é uma testemunha fiável. Quem estava em estado de grande agitação era o Agente Belmiro, que tinha acompanhado os ensaios sem se dar conta das consequências agora relatadas; parecia absolutamente mortificado e pronto para entrar em cena, forçando a conclusão deste infeliz evento.

KORE — E se falássemos com a Agência! Podíamos pedir à Marta que pedisse indicações à Agência sobre o que podemos fazer agora. Marta? Obrigada! *(para o público)* Pronto... É só um minuto, por favor...

GALATEIA — Voltamos já a seguir a este breve intervalo...

As atrizes recolheram ao contentor que lhes servia de bastidor, e os agentes viram neste momento a possibilidade de salvação da Gala. Já não era possível retomar o guião previsto, e era necessário improvisar. Foram de imediato produzidos os cartazes que tinham sido encomendados pela Agência, e o Agente Belmiro disponibilizou-se para entrar sorrateiramente no contentor para interpelar as atrizes. Infelizmente, tendo verificado que o contentor só tinha uma porta, virada para a cena, o Agente Belmiro tentou escalar o contentor para entrar. Só que aparentemente teve uma vertigem e acabou por desmaiar em cima do contentor. A esta infelicidade somou-se que as atrizes esqueceram-se (ou não) de desligar os microfones de cena, e continuou-se a ouvir uma conversa entre ambas, que dava todos os indícios de ser espontânea e improvisada — embora nesta fase os agentes já não tivessem a certeza de nada. A nossa tentativa de reconstituição desse diálogo produziu a seguinte possibilidade.

KORE — Graças a deus, pelo menos não tenho de cantar mais estas músicas da treta! Não me apetecia nada cantar a piroseira do final. Tenho pena é das estátuas. Eu até gosto delas.

GALATEIA — Por mim podiam derretê-las todas e fazer alguma coisa útil com o bronze.

KORE — Ao menos que as ponham num museu. Eu gosto de coisas velhas. Não sei... Penso sempre na casa da minha avó. Cheia de imagens e paninhos antigos. Havia tanta história ali. Tantas vidas e ideias que já fizeram sentido para alguém.

GALATEIA — Desde que os meus pais se divorciaram que eu vi logo que não adiantava nada agarrarmo-nos ao passado. Nada dura. É preciso inventar tudo de novo, a todo o momento. Isso é que vale a pena.

As atrizes voltaram a sair do contentor e dirigiram-se para a Escultora. Esta entregou-lhes o envelope que lhe tinha sido facultado pelos nossos agentes, entretanto, e que continha indicações bastante claras.

KORE — Senhoras e senhores, a Agência diz que... Diz que este recomeço também estava previsto... e que já tinham sido tomadas medidas. Sim, senhoras e senhores, este é o grande final da Primeira Gala das Estátuas do Porto. A Agência sempre quis garantir que não faltassem escolhas e... por isso... Por isso foram feitas novas encomendas de estátuas aos Artistas do Futuro e aos principais utilizadores desta praça.

A atriz Galateia, com o incentivo de Kore, foi então buscar os cartazes que lhe foram entregues pelos nossos agentes no teatro de operações, parecendo não reparar nos olhares ameaçadores que lhe lançámos, como aviso. A banda tocou uma das músicas previstas pelo guião.

KORE — Estimado público, eis diante de vós as propostas para novas estátuas para a Praça da República das alunas do primeiro ano da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Unidade Curricular de Práticas de Modelação... e também as propostas feitas pelos utentes dos Albergues Noturnos do Porto. São obras que poderão trazer esperança e nova vida a esta praça. Que poderão reencantá-la. Estas, senhoras e senhores espectadores, são as propostas para o futuro, da Agência do Futuro. Agora, só vos falta escolher!

GALATEIA — A escolha é vossa! Toda a vossa! O futuro... Começa agora!

KORE — Não, Galateia!

“Não?” foi também o grito mudo, em uníssono, dos agentes presentes.

GALATEIA — Eu sei que não está no guião! O que é que eu fiz de mal? Agora não estamos só a improvisar...?

KORE — Não é isso... É que de repente pensei... Pensei... que direito é que nós temos de votar no futuro que cada uma destas pessoas imaginou? O futuro não é delas?

GALATEIA — Está bem... Mas isto é um espaço público. O espaço público tem de ser alguma coisa que seja de todos.

KORE — Pois, mas cada uma destas pessoas pensou em coisas diferentes, que fazem sentido para elas... Será que nós temos o direito de dizer que não têm lugar no espaço público? O espaço público não devia ser o lugar de todos os futuros?

GALATEIA — Sim, acho que isso faz sentido, Kore.

KORE — Senhoras e senhores, lamentamos informar que também não podemos fazer esta votação.

GALATEIA — Pois não... Por isso... por isso... O que é que fazemos? Eles vieram até aqui votar, e não têm nada para votar?

KORE — Se calhar... Se calhar a Agência também previu isto. Marta? Podes ajudar-nos? *(Troca de palavras impercetível, e as câmaras não captaram os movimentos de lábios).*

Senhoras e senhores, a representante da Agência, Marta Lima, já tinha isto previsto, e preparou estátuas do futuro para cada uma das pessoas presentes. Todos vão votar e todos vão ser eleitos! Esta sim, vai ser uma votação justa, democrática e para o futuro! Senhoras e senhores, vamos passar à distribuição das estátuas do futuro. Que podem escolher, eleger, comer, levar para casa.

GALATEIA — Porque vocês escolhem tudo!

Os agentes confessam que alguns dos operacionais destacados abandonaram o local neste instante, escandalizados com esta subversão completa do importante papel da Agência do Futuro em determinar, precisamente, o futuro comum. Também não conseguimos explicar a razão por que a Escultora decidiu alinhar no delírio das duas atrizes. Talvez procurasse salvar a Gala, ou então a face da própria Agência.

Os únicos agentes que permaneceram até ao final foram o Agente Clemente, que reportou a satisfação do público com as esculturas de pão e numerosos aplausos, e o Agente Belmiro, preso em cima do contentor. Estes agentes reportaram ainda o seguinte discurso final que, num confronto com os registos audiovisuais, parece ser verídico.

KORE — Senhoras e senhores, esta é a Primeira Gala das Estátuas do Porto, e temos para vos oferecer estátuas para cada um, para cada uma, para todos os gostos, para todos os futuros! Senhoras e senhores, escolham as vossas estátuas e façam com elas o que bem entenderem!

Senhoras e Senhores, em nosso nome, em nome da Marta, em nome da Agência, agradecemos a vossa presença e contamos convosco nas próximas Galas.

GALATEIA — Se nós lá estivermos!

KORE — Vivam as estátuas do futuro!

Este foi o triste fim das Primeira e Única (até ao momento) Gala de Estátuas da Cidade do Porto. É entendimento dos agentes envolvidos que se devem continuar a averiguar os factos para chegar a uma conclusão definitiva das causas do fiasco para as intenções da Agência e dos verdadeiros culpados do desvio do guião previsto, e esperam que este relatório possa ser mais um elemento para essa investigação. Para já, deixamos apenas a sugestão que a Agência do Futuro se foque em eventos e iniciativas mais controláveis, pois uma agência séria como a Agência do Futuro, não pode depender de algo cujo futuro, e presente, é tão incontrolável como é o do teatro.

FIM